

# ESCOLA E FAMÍLIA: DAS POLÍTICAS INDUTORAS AS ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

## SCHOOL AND FAMILY: FROM INDUCTIVE POLICIES TO DIDACTIC GUIDELINES

Marcia Gouveia da Cunha 1

**Resumo:** O artigo versa sobre a relação família e escola, as indicações da agenda educacional dos organismos internacionais e as contribuições da didática crítica para a aproximação família e escola. Para a construção do estudo realizamos revisão sistemática. As discussões visam compreender a concepção de relação escola e família contida na proposta dos organismos internacionais e destacar as contribuições da didática intercultural para a aproximação escola e família. Ao compreendermos a natureza social e complexa da educação. A qual são pertinentes várias discussões e reflexão sobre diversos aspectos e características do ensino e aprendizagem e, consideramos que a perspectiva da relação, diálogo e aproximação escola e família é uma faceta do fazer educativo que, também, necessita ser estudada para promovermos práticas educativas mais inclusivas, participativas, significativas, dialógicas e democráticas.

**Palavras-chave:** Escola. Família. Organismos. Internacionais. Didática.

**Abstract:** The article deals with the relationship between family and school, the indications of the educational agenda of international organizations and the contributions of critical didactics to bringing family and school together. For the construction of the study, we carried out a systematic review. The discussions aim to understand the conception of school and family relationship contained in the proposal of international organizations and to highlight the contributions of intercultural didactics for bringing school and family together. By understanding the social and complex nature of education. To which several discussions and reflections on various aspects and characteristics of teaching and learning are relevant, and we believe that the perspective of the relationship, dialogue and approximation between school and family is a facet of educational work that also needs to be studied in order to promote more educational practices. inclusive, participatory, meaningful, dialogic and democratic.

**Keywords:** School. Family. Organisms. International. Didactic.

---

1 Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora da educação básica nos municípios de Trindade (GO) e Goiânia (GO). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3993-2940>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7683218412054252>. E-mail: [marciagouveia@outlook.com](mailto:marciagouveia@outlook.com)

## Introdução

A proposta desse estudo é refletir sobre a relação família e escola, as indicações da agenda educacional dos organismos internacionais e as contribuições da didática crítica para a aproximação família e escola. As discussões visam compreender a concepção de relação escola e família contida na proposta dos organismos internacionais. Sistematizar as contribuições da didática intercultural para pensarmos a aproximação escola e família visando a construção de práticas educacionais mais comunicativas, dialógicas, democráticas, emancipatória e participativas entre escola e família.

Atualmente vários são os estudos e teorias educacionais que aponta a necessidade de considerar e compreender o contexto social do educando no processo de ensino aprendizagem. Sabendo disso, lembramos que a família é a primeira instituição socializadora, educacional e formativa dos sujeitos. Sendo, a família parte de nossas experiências, aprendizagens e do nosso contexto social.

De modo, que pensar e desenvolver práticas educacionais que considere a comunidade e o contexto social em que os educandos estão inseridos envolve, também, refletir e desenvolver estratégias de comunicação e diálogo com as famílias, uma vez, que a família é parte da formação, comunidade e contexto social dos sujeitos.

Nesse sentido, a comunicação, diálogo e aproximação escola e família que estamos pensando nesse estudo é fundamentada na formação crítica, reflexiva e emancipatória humana. Entendemos o diálogo<sup>1</sup> e a formação dos sujeitos como práxis, ação reflexiva humana. De acordo, com Pimenta (2019), a educação, o ensino e as aprendizagens são entendidas como processo de formação do sujeito para situar, analisar, compreender e ler o mundo, com vistas a propor e promover ações de emancipação humana e social.

Estamos propondo a aproximação escola e família considerando que a prática educativa é social, construída e desenvolvida na relação com os sujeitos e em diálogo com mundo e dentre as diversas necessidades e possibilidades de interação com o meio cultural e social tomamos como recorte nesse estudo a relação escola e família. Porém, cientes que a relação, comunicação e diálogo entre escola e família constitui-se apenas um aspecto do processo de ensino e aprendizagem, mas, que a relação escola e família, também, precisa ser analisada e pensada com as demais dimensões do processo de educativo.

Diante disso, fundamentados nesses pressupostos de educação pretendemos abordar nesse trabalho a relação escola e família sobre as perspectivas dos organismos internacionais e as contribuições da didática intercultural para essa relação. Estruturamos as discussões em duas partes, na primeira parte trazemos a conotação que a participação da família na escola ganha na agenda dos organismos internacionais. E na segunda parte as contribuições da didática intercultural para pensarmos a relação escola e família.

## Metodologia

Para a elaboração desse trabalho realizamos a leitura sistemáticas dos textos: a) “A centralidade do professor na agenda educacional internacional: estratégias de consenso e terceirização” (SANTOS, 2016); b) “As ondas críticas da didática em movimento 19 resistência ao tecnicismo/neotecnicismo neoliberal” (PIMENTA, 2019); c) “Educação intercultural e práticas pedagógicas” (CANDAU, 2019); Educación para Todos (EPT) en América Latina y el Caribe: Balance y Desafíos (UNESCO, 2015). Dentre as várias obras estudadas sobre didática durante o curso da disciplina<sup>2</sup> selecionamos para o desenvolvimento deste trabalho as obras citadas acima por apresentarem discussões pertinentes ao tema relação família e escola.

Nas leituras selecionamos buscamos discussões e elementos que contribuem para refletirmos a relação, aproximação e diálogo entre família e escola. Sendo que buscamos as

1 “Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo” (FREIRE, 2012, p.84).

2 “Didática e questões contemporâneas”, ministrada pela professora. Dra. Marilza Vanessa Rosa Suanno, no programa de pós-graduação da Faculdade de Educação na Universidade Federal de Goiás- UFG.

convergências e contribuições da didática intercultural para pensarmos a relação escola e família. E consideramos pertinente destacar como a família aparece na agenda dos organismos mundiais. Além disso, no texto de Santos (2016), nas referências bibliográficas procuramos documentos de organismos mundiais na busca por compreender as propostas para relação escola e família na agenda internacional.

## **Como a participação das famílias na escola aparece na agenda dos organismos internacionais?**

Os organismos mundiais fazem apontamentos sobre a participação das famílias no contexto escolar dos educandos. Os OM incentivam a participação da família na escola calcados nos ideários neoliberais<sup>3</sup> e mercadológicos. Na agenda dos organismos mundiais a participação da família da escola está associada a inserção e participação do terceiro setor nas práticas educacionais e consequentemente reafirmando o projeto de redução das responsabilidades do estado. Como escreve Santos (2016):

Vê-se, assim, a crescente participação de organizações não governamentais, fundações empresariais, pais e responsáveis na definição de ações envolvendo atividades que antes eram de responsabilidade exclusiva do Estado, conformando um importante consenso. As políticas educacionais, por meio das recomendações dos OM, indicam a necessidade da participação destes aparelhos privados de hegemonia para consolidar uma nova forma de governança, que não seja estabelecida de cima para baixo, mas, ao contrário, conte com a participação ativa dos sujeitos envolvidos diretamente com as atividades escolares. (SANTOS, 2016, p. 152)

Na perspectiva dos organismos mundiais a participação das famílias na escola pretende instaurar a lógica mercadológica, o projeto de participação de empresas e sociedade civil organizada na gestão e financiamento das instituições educacionais, com vistas a criar o consenso de que a escola totalmente pública é ineficiente.

Estamos determinados a establecer marcos de política que promuevan la rendición de cuentas y la transparencia, y fortalezcan la participación de todos/as las y los actores involucrados (como las organizaciones de la sociedad civil, comunidades, familias, docentes/as, estudiantes y otros asociados locales) en todos los niveles del sistema educativo. (UNESCO, 2015, p. 4)

Percebemos que os organismos mundiais englobam as organizações da sociedade civil<sup>4</sup> no processo educativo equiparando o envolvimento dessas a participação da comunidade e da família dos educandos, legitimando a gerência e a implementação da lógica mercadologia no ambiente escolar. Junto a isso, a participação das famílias colabora para a construção de consensos sobre

3 “[...] o neoliberalismo surgiu com a defesa de minimização do Estado e a ampliação do mercado como instituição reguladora das políticas econômicas e sociais. A constatação era de que não se poderia mais manter os gastos com políticas sociais e que o principal regulador deveria ser o mercado.” (SANTOS, 2016, p. 154).

4 A sociedade civil é reatualizada como expressão dos interesses particulares que têm no mercado a sua racionalidade. E essa racionalidade do mercado clarifica também o campo de toda racionalidade política. Ou seja, condições de governabilidade só tendem a ser alcançadas com a reconstituição do mercado e dos valores que lhe são inerentes, como a competição e o individualismo. É com uma sociabilidade competitiva e individualista e suas implicações na desagregação de grupos organizados, desativando mecanismos de negociação de interesses coletivos e eliminando direitos adquiridos, que teremos uma sociedade civil que colabora para a governabilidade política. Ou seja, a esfera da sociedade civil entendida, segundo o conceito liberal, como o que está fora da órbita do Estado é tomada como o espaço para se buscarem soluções para as questões econômicas, políticas e sociais (DURIGUETTO, 2008, p. 90 apud SANTOS, 2016, p. 157).

ineficiência da gestão pública, ou seja, (consenso produzido de baixo para cima) com o intuito de convencer dos benefícios do financiamento e gestão do ensino pelas organizações sociais, sob o discurso da melhoria da qualidade da educação, Santos (2016).

Nesse sentido, a participação das famílias nas instituições escolares segundo os OM é uma estratégia no processo de criação de consenso entre os sujeitos envolvidos no processo educativo da necessidade de terceirizar a gestão escolar e contratação de professores a fim de garantir a “qualidade da educação e da aprendizagem”. De modo, a instaurar no ambiente educacional a lógica da produtividade e eficiência dos moldes mercadológicos e retirando ou diminuindo a responsabilidade do Estado com a educação pública, gratuita e de qualidade. Estabelecendo o consenso da ineficiência do Estado em gerir a “coisa pública”.

No entanto, a relação escola e família a que propomos discutir nesse trabalho é contrária a perspectiva da agenda dos organismos internacionais, pois, compreendemos a relação escola e família junto a ações educativas democráticas, emancipatórias, comunicativas, que detém o diálogo como princípio norteador das práticas educacionais e a formação de sujeitos críticos, conscientes, reflexivos e capazes de compreender, atuar e transformar o contexto social, tal qual, afirma Pimenta (2019):

Com vistas a empoderar os alunos, seus professores, suas escolas públicas, suas famílias para defenderem e fazerem nelas acontecer a educação pública emancipadora, partindo da consideração das desigualdades e elevando todos os alunos a uma condição de igualdade, para se manterem e atuarem na construção da sociedade democrática, justa, fraterna, superando as profundas desigualdades que o capitalismo constrói, determina e aprofunda desde sempre. E, portanto, se oponha à transformação do direito à educação em mercadoria, em bem individual de consumo, praticada com agressividade, cada vez mais voraz e mais refinada em seus métodos pelas corporações financeiras que cada vez mais estão se enraizando no estado brasileiro, em todos os níveis (PIMENTA, 2019, p. 37)

A educação dialógica, reflexiva e emancipatória, dentre outros aspectos, precisa integrar a comunidade, família dos educandos, acolher suas histórias, seus contextos e cultura e, assim, promover vivências e experiências democráticas. Para a tecedura da relação escola e família fundamentada nessas premissas iremos nortear a discussão segunda as contribuições da didática crítica intercultural e didática sensível.

## **A didática para pensar a relação escola e família**

A família e a escola são duas instituições sociais que mediam e constitui a formação dos sujeitos. Essas duas instituições são prioritariamente parte de toda ou boa parte da vida, da maioria, dos sujeitos.

No entanto, mesmo que a escola e a família reconheçam a importância dessas duas instituições no processo formativo dos sujeitos existe uma dificuldade de relacionamento, comunicação, interação entre a escola e a família. De maneira, que cada uma, escola e família, desenvolvem seus papéis como se fossem completamente independentes entre si. Quando, na verdade, são instituições formativas que desenvolvem papéis educativos diferentes, mas que são convergentes em algumas situações e objetivos. Mesmo que, supostamente, não existisse nenhuma proximidade ou semelhança entre os papéis educativos da escola e da família ao considerarmos que as duas instituições são formativas na vida dos sujeitos, apenas pelo caráter formativo em comum entre escola e família, seria interessante que houvesse comunicação entre as duas instituições. Além disso, atualmente já é consenso entre estudiosos da educação e professores sobre a necessidade de incluirmos nas práticas pedagógicas a comunidade, a cultura e o contexto social dos educandos.

Nesse sentido, a didática intercultural contribui para pensarmos as construções pedagógicas

acerca da relação escola e família, pois, traz reflexões sobre o diálogo e participação dos sujeitos e educandos nesse processo de ensino e aprendizagens respeitando suas culturas, diversidades e utilizando estas como recurso didático para enriquecer o processo formativo. Segundo Candau:

Exige valorizar as histórias de vida de alunos(as) e professores(as) e a construção de suas identidades culturais, favorecendo a troca o intercâmbio e o reconhecimento mútuo, assim como estimular que professores(as) e alunos(as) se perguntem quem situam na categoria de “nós” e quem são os “outros” para eles. Esta categoria também convida à interação da escola com os diferentes grupos presentes na comunidade educação intercultural e práticas pedagógicas e no tecido social mais amplo, favorecendo uma dinâmica escolar aberta, inclusiva e participativa (CANDAU, 2019, p. 280).

Nessa compreensão, a educação propõe uma integração ampla e diversa de toda a comunidade na escola. E dentro dessa perspectiva que consideramos importante de participação, inclusão das diversas culturas recordamos a relação da escola com a família nesse processo de aproximação e inclusão da história, contexto e cultura no espaço escolar. Pois, para desenvolver ações de inclusão desses aspectos no ambiente educacional necessariamente perpassamos pelas famílias dos educandos.

Compreendemos que a relação, diálogo, comunicação com as famílias dos educandos supõe uma escola aberta e inclusiva. O que constitui essa uma das contribuições da educação intercultural para pensarmos a relação escola e família, a escola precisa estar aberta, disposta a incluir e dialogar com as famílias. Assumindo a diversidade dos educandos e seus familiares estabelecendo o diálogo com princípio norteador das relações e práticas escolares.

Nesse sentido, podemos destacar alguns pontos da didática intercultural para pensarmos a relação e aproximação escola e família, como a integração de várias culturas e os diversos conhecimentos no espaço escolar, essa talvez seja a grande contribuição, pois quando pensamos na aproximação e participação das famílias na escola estas trazem consigo seus conhecimentos, culturas e percepções do mundo a qual a escola irá precisar lidar, considerar e mediar. Sendo que, segundo Candau(2019), a relação entre os diversos conhecimentos acontece de maneiras complementares, confluentes e, também, interações tensas e muitas vezes conflituosas. E os caminhos para mediar essas relações são o diálogo, o respeito e a construção de pontes entre os diferentes conhecimentos presentes no cotidiano escolar. E para estabelecer relações mais dialógicas e respeitadas nas instituições escolares será imprescindível que a escola repense suas práticas pedagógicas:

A categoria práticas socioeducativas, referida à interculturalidade, exige colocar em questão as dinâmicas habituais dos processos educativos, muitas vezes padronizadores e uniformes, desvinculados dos contextos socioculturais dos sujeitos que dele participam e baseados no modelo frontal de ensino-aprendizagem. Favorece dinâmicas participativas, processos de diferenciação pedagógica, a utilização de múltiplas linguagens e estimulam a construção coletiva (CANDAU, 2019, p. 282).

Para tal, a escola e o colégio precisam compreender e dispor a superar práticas pedagógicas bancárias<sup>5</sup>, tradicionais, abrindo espaço ao diálogo. E juntos, educandos, comunidade e escola possam pensar, discutir, refletir as medidas e ações que cabem a sua realidade para estabelecer situações de integração e participação das famílias e comunidade na instituição educacional.

5 Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. (FREIRE, 2012, p.63-64)

## Considerações Finais

Ao longo da construção desse trabalho percebemos que as políticas indutoras educacionais se apropriam de muitas concepções, discussões e termos utilizados para pensar uma pedagogia crítica. Embora, as discussões assentadas sobre a perspectiva neoliberal esvaziem a radicalidade e sentido das palavras. Enquanto, nas teorias educacionais críticas os termos política, democracia, cidadão, comunidade, autonomia, intercultural e outros são robustos de significados e consolidam discussões que ampliam a leitura, percepção e atuação dos sujeitos no mundo.

Do mesmo modo ocorre com a discussão da participação das famílias na escola. Os OM se apropriaram dessa discussão como forma de produzir consensos de baixo para cima mostrando as famílias e as comunidades a incapacidade do Estado de gerir o público e trazendo como solução a “boa” gestão das organizações sociais, pois é mais rápido e fácil aceitar o financiamento e gerência da sociedade civil organizada disposta a introduzir a qualidade e eficiência no público que, lutar por uma gestão pública, gratuita e de qualidade. É exatamente, por isso, que as concepções de educação crítica são fundamentais na tessitura do ensino e aprendizagem para pensarmos e propormos práticas pedagógicas que formem sujeitos capazes de refletir, questionar, respeitar, dialogar, agir e transformar a realidade.

Ao defendermos nesse estudo a importância de pensarmos a relação escola e família objetivamos contribuir para o ensino e aprendizagem, ampliando a atuação das práticas pedagógicas como a atuação e participação dos sujeitos nos diversos campos sociais, experimentando vivências participativas e democráticas. Objetivando o reconhecimento dos sujeitos enquanto seres culturais, sociais, diferentes e integrados na direção da construção de uma sociedade cada vez mais democrática, justa, fraterna e emancipada.

## Referências

CANAU, Vera. Educação intercultural e práticas pedagógicas. In: SILVA, M.; ORLANDO, C.; ZEN, Giovana (organizadores). **Didática: abordagens teóricas contemporâneas**. Salvador: Edufba, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Ed.Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. As ondas críticas da didática em movimento 19 resistência ao tecnicismo/neotecnicismo neoliberal. In: SILVA, Marco; ZEN, Cláudio Orlando Costa do Nascimento; ZEN, Giovana Cristina. **Didática - abordagens teóricas contemporâneas**. Salvador: Edufba, 2019.

SANTOS, Fabiano. A centralidade do professor na agenda educacional internacional: estratégias de consenso e terceirização. In: LIBÂNEO, José C.; SUANNO, Marilza V. R.; LIMONTA, Sandra V. **Didática e currículo: impactos dos organismos internacionais na escola e no trabalho docente**. Goiânia: Espaço Acadêmico; CEPED Publicações, 2016. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1GUminJ\\_NzTyQRtL7ph16v1goQ5fOvJ87/view](https://drive.google.com/file/d/1GUminJ_NzTyQRtL7ph16v1goQ5fOvJ87/view). Acesso em 20/07/2021.

UNESCO. **Educación para todos (EPT) en América Latina y el Caribe: Balance y Desafíos**. Lima/Perú, 2015. Disponível em: [https://reduca-al.net/narrativa\\_red/archivos/Declaracion-de-Lima.pdf](https://reduca-al.net/narrativa_red/archivos/Declaracion-de-Lima.pdf). Acesso em 20/07/2021.

Recebido em 16 de janeiro de 2023.

Aceito em 22 de março de 2023.